

12. Definidos por Cristo mais que por nós mesmos

A postura errada de Pedro diante de Jesus, quando anunciou a paixão, morte e ressurreição, foi não querer permitir que o advento de Cristo o determinasse, mais do que ele desejava determinar Cristo. Judas também traiu quando percebeu que Jesus não correspondia às suas expectativas, sentimentos. Mas, diferente de Pedro, Judas não se limitou opor-se ao advento de Cristo: queria destruir, invalidar, torná-lo totalmente irrelevante, cancelá-lo. Pedro foi sincero ao expressar a Cristo a sua objeção com o modo do desenrolar dos fatos, mas isto permitiu ao fato de afirmar-se, mesmo contra si ou o que acreditava ser. E assim o acontecimento de Cristo pôde investir novamente Pedro, com uma força ainda mais irresistível. E Pedro percebeu o quanto Cristo o determinava, definia seu "eu", suas relações e toda a realidade, ainda mais forte que antes.

Quando a vocação não incide sobre nossa vida, o problema não é tanto o que somos ou não somos, mas o fato do advento de Cristo morto e ressuscitado não nos definir mais que nós mesmos. Às vezes, fico desconcertado pelas consequências extremas e loucas, de quem abandona uma vocação. Mas quando se olha de perto, se percebe que o problema real não foi a fragilidade, mas foi o advento de Cristo, que deveria ser tudo em nossa vocação como o ventre da mãe para um feto, que não definiu a consciência de si e de tudo, mais que outros fatores. Outros fatores, talvez muito nobres, mas que não condiz com o advento de Cristo. "Coisas da terra", como escreve São Paulo. "Se fostes ressuscitados com Cristo, procurem as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus; *Pensem* [utiliza o verbo *phronein*] nas coisas do alto, e não nas coisas da terra" (Col. 3,2).

As "coisas da terra", não significa necessariamente dizer coisas baixas, sem valor, desprezíveis. Mas coisas que não são advento de Cristo. Estão destinadas a receber o cêntuplo através do valor do advento de Cristo, mas não coincidem com este. Mas quem decide seu valor? O nosso coração, nosso "eu" que se deixa determinar pelo advento de Cristo mais que por estas, e assim permite ao advento de Cristo determina-las, dar o sentido em função de tudo, e o tudo é Cristo ressuscitado.

Quando se entende que a infidelidade insana é fruto disto, então vemos que ninguém é vacinado contra estas consequências extremas, pois o não se deixar formar mais por Jesus que pelo resto, começa pelas distrações banais. Ou se percebe que uma pessoa, um monge, uma monja, nunca começou a caminhar em direção a este sentido das coisas de Deus, porque faltou desde o início uma formação para colocar ao centro da vida e de si o advento de Cristo, mais que o resto. É deprimente constatar, nos mosteiros, que às vezes nem mesmo nos anos de formação inicial, como o tempo de noviciado, são realmente consagrados a isto. Existe uma pressa de fazer e ocupar-se com outras coisas. Mas isto se deve ao fato dos formadores, muitas vezes, não terem sido formados para dar a Cristo um lugar de formação maior que todo o resto.

Quando no início não se faz esta experiência, é como quem casa sem estar apaixonado pela esposa ou esposo, por isso desde o início os sentimentos do coração são definidos por outros fatos, arrastados por estes e, acima de tudo, por si mesmo.

Portanto, é necessário sempre recomeçar por uma educação do "eu", fazendo memória do que encontrou e chamou a segui-lo. Esta experiência do advento de Cristo se torne trabalho de si e do relacionamento com todos e com tudo.

Quando dizemos que o advento de Cristo nos define, isto significa, no cristianismo, "que se encarne em nós". Maria é o modelo da vocação realizada, pois é o paradigma de uma pessoa, de um "eu", corpo, alma e espírito no qual o advento de Cristo pôde se encarnar e se tornar presente completamente. Isto é, com evidência, evidência Dele, de Cristo. Cristo através da Virgem Maria pôde se manifestar em total evidência. Através de Maria, Cristo se manifestou. E esta é santidade. Um santo é grande ou pequeno, na medida em que a encarnação de Cristo se torna evidente, e se manifesta a presença de Cristo.

Mas, paradoxalmente, isto acentua o "eu" de uma pessoa, o torna fascinante para os outros. Deus não chama duplês, nem bonecos para simular uma presença humana. Chama a pessoa, o "eu", com toda a sua liberdade e desejo de felicidade, isto é, de auto realização.

São Bento pede isto desde o início, e isto significa desde o "eu" de cada pessoa, que se sente chamada e quer seguir sua vocação. São Bento na portaria do mosteiro, pede para bater um homem, um "eu", um "eu" com todo o seu ser, sem censuras, e acima de tudo, que venha sedento de vida e felicidade (cf. RB Pról. 15), pois quem não quer a vida e a felicidade não quer Cristo, não quer a encarnação de Cristo em si. Cristo se encarna para realizar a vida e felicidade de cada homem.

Quando Jesus nos chama a segui-lo, na realidade vem responder ao desejo de vida e felicidade, que carregamos em nossos corações. Sentindo uma vocação, o coração humano emerge como das ondas do mar para mostrar que existe, e que existe como uma questão de vida, de salvação. E assim se afirma no homem o "eu", uma identidade, seu ser pessoa.